

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO
**DO ORIGINAL A REVOLUÇÃO DOS
BICHOS DE GEORGE ORWELL**

ADAPTAÇÃO E ILUSTRAÇÃO
ODYR

TEMAS
**CIDADANIA;
DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA
E COM A ANTROPOLOGIA**

GÊNERO LITERÁRIO
**HISTÓRIA EM QUADRINHO,
ROMANCE GRÁFICO E LIVRO
DE IMAGENS**

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto
Luciane H. Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, Geruza Zelnys de

Material digital do professor — Do original A revolução
dos bichos de George Orwell / Geruza Zelnys de Almeida ;
coordenação de Sandra Mayumi Murakami Medrano ;
CEDAC. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Pequena Zahar, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-88899-06-9

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Orwell,
George. A revolução dos bichos. III. Medrano, Sandra
Mayumi Murakami. IV. CEDAC

21-0686

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PEQUENA ZAHAR LTDA.

Praça Floriano, 19, sala 3001, parte C — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **10**

Pré-leitura, 12

Leitura, 13

Pós-leitura, 25

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **27**

Linguagens e suas Tecnologias, 27

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 33

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **39**

Sugestões de referências complementares, **43**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *A revolução dos bichos*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos dos autores, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico.

O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

O livro que você tem em mãos é uma versão de um clássico da literatura mundial, de um texto que não morre. E qual o segredo de um livro que consegue sobreviver ao tempo de sua produção? Italo Calvino diz que:

[...] os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessam [ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes]. [1993, p. 8]

Nesse sentido, pode-se dizer que *A revolução dos bichos* é um clássico porque, constantemente relido, ultrapassa seus limites e chega carregado de releituras para compor com mais esta, a de Odyr, que agora o apresenta em quadrinhos.

George Orwell, o autor do livro original, é o pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido na Índia em 1903 e morto prematuramente, vítima de tuberculose, aos 46 anos. Filho de pais abastados, porém sem vocação para o trabalho em cargos burocráticos, viveu em Londres e Paris junto aos pobres. Encontrou no pensamento socialista um direcionamento para sua vocação libertária. Nos anos 1930, lutou na Guerra Civil Espanhola ao lado de jovens trotskistas e anarquistas, e esse episódio fomentou uma literatura de crítica às ideias totalitárias, ao perceber o papel dúplice dos soviéticos na Espanha. Orwell defendia os ideais comunistas, mas combatia a deturpação e a apropriação deles. Quando escreveu *A revolução dos bichos*, a princípio sofreu rejeição das editoras, mas com o fim da Segunda Guerra Mundial o texto foi publicado e rendeu ao escritor elogios, por ser aproveitado como uma crítica ao comunismo, bem como dinheiro suficiente para se dedicar à escrita.

Tanto o livro *A revolução dos bichos* como outro livro de Orwell, 1984, considerado sua obra-prima, tornaram-se clássicos da literatura mundial, pois o escritor conseguiu capturar nessas obras um aspecto recorrente em todos os tempos — o desejo pelo poder.

Se um clássico nunca morre pelas ideias que veicula, outra forma de também vivificá-lo é por sua porosidade para o diálogo interartes, como é o caso das consagradas adaptações de Orwell para o cinema. Neste livro, ao fazer a adaptação em quadrinhos, Odyr optou por ser completamente fiel ao texto original: selecionou fragmentos da obra.

Odyr Bernardi — ou apenas Odyr, como assina suas obras — é um artista gaúcho nascido em Pelotas, em 1967, e que publicou tirinhas em diversos jornais brasileiros, como *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Le Monde Diplomatique Brasil*, entre outros. Foi responsável pelas capas de Millôr Fernandes (2005-8), quadrinista das coletâneas de contos *Irmãos Grimm*, *Dias negros* (Argentina) e *MSP 50*. Com *A revolução dos bichos*, foi vencedor do 31º Troféu HQ Mix na categoria “melhor adaptação para os quadrinhos” em 2019, publicou os romances gráficos *Copacabana* (Editora Desiderata, 2009) e *Guadalupe* (Quadrinhos na Cia., 2012).

A revolução dos bichos (também traduzida como *A fazenda dos animais*) foi publicada no Reino Unido em 1945 e nos Estados Unidos em 1946 e em pouco tempo se tornou um best-seller. A obra narra uma revolução feita pelos animais da Granja do Solar, liderada pelo porco Major contra o tirânico dono humano de todos eles. Diante do descontentamento com a exploração que sofriam, Major reúne os colegas e os instiga a expulsarem seus donos humanos, idealizando um tratamento igualitário entre as espécies e raças que viviam na granja. Sob o governo dos animais, a fazenda passa a ser controlada pelos porcos, que introduzem alguns princípios formulados para garantir o bem comum. No entanto, com o passar do tempo, a nova administração acaba por desvirtuar os princípios revolucionários e a liderança se torna tão tirânica e opressora quanto aquela que visaram combater. Os porcos, destacados pela inteligência, criam novas regras, submetendo os outros animais às suas ordens, manipulando-os para que não se manifestassem contra eles e criando narrativas falsas que são disseminadas como reais. Nesse contexto de relações com o momento histórico da época, é possível identificar Napoleão e Bola de Neve representando os líderes soviéticos Josef Stálin (1878-1953) e Leon Trótski (1879-1940), respectivamente.

Esta obra, ilustrada por Odyr, traz uma adaptação gráfica de um romance, ou seja, consiste num gênero por si só híbrido e que incorpora a fábula para expressar as ideias do autor. Assim, sob o pano de fundo da fábula, lê-se a alegoria da Revolução Russa de 1917, cujos ideais foram manipulados por Josef Stálin. George Orwell expõe a farsa dos discursos totalitaristas e mostra como a ideia de um socialismo democrático, que poderia substituir o capitalismo, vai sendo subvertida e dando lugar a um governo tão ou mais tirânico do que aquele que quer combater. Essa adaptação para os quadrinhos nos dá oportunidade de expandir um conteúdo complexo e reflexivo com o público jovem. Embora o **gênero romance gráfico**, ou *graphic novel*, seja relativamente novo, ele pertence à linguagem dos quadrinhos, gênero conhecido do público jovem. A diferença está em reivindicar para si o mes-

mo status do romance tradicional, devido à complexidade e densidade das narrativas, e por isso não abre mão dos recursos comuns ao romance tradicional, cuja característica principal é o hibridismo dos gêneros. Conforme Manuel da Costa Pinto:

[...] a *graphic novel* é a contrapartida visual do romance e pertence a uma linguagem mais geral — os quadrinhos — que surge na esteira de um período no qual as vanguardas [de Apollinaire aos concretos] exploraram a visualidade da palavra, no qual surgiram sucessivamente o cinema, a televisão e a internet. (2017, s. p.)

Por tudo isso, este livro tem muito a acrescentar aos jovens que estão se formando e se tornando cidadãos conscientes e capazes de exercer diálogos com o mundo que os cerca. *A revolução dos bichos* é uma leitura que provoca uma reflexão profunda, crítica e contextualizada sobre a sociedade e as políticas que regem as relações em grupos e, portanto, auxilia na elaboração de um pensamento sobre a **cidadania**, o respeito e a necessidade de uma convivência ética em sociedade, por meio de **diálogos com a sociologia e com a antropologia**, sobretudo.

Influenciado por autores ligados à ficção científica, como H. G. Wells (1866-1946) e Aldous Huxley (1894-1963) (este último foi seu professor de francês), George Orwell é lido como um escritor da literatura distópica.

Distopia é um conceito filosófico atribuído a ficções que desenhem cenários opostos à utopia, ou seja, a um cenário ideal em que reina a perfeição. A literatura distópica retrata sociedades devastadas por governos totalitários, tirânicos e opressores. Há perseguição e monitoramento tecnológico dos indivíduos visando cercear a liberdade individual. Considerados romances distópicos, *A revolução dos bichos* e *1984* apresentam cenários de violência e controle social, e não à toa *1984* foi a inspiração para o *Big Brother*, programa televisivo de grande audiência e há mais de vinte anos no ar, em diversos países pelo mundo.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O livro *A revolução dos bichos* é leitura fundamental no Novo Ensino Médio, pois, além da originalidade nos procedimentos estéticos desta adaptação em quadrinhos, a obra dialoga diretamente e de forma ampla com as relações de poder inscritas no macro e nos microcosmos pelos quais esses jovens circulam. A mediação do professor, portanto, é de extrema importância, uma vez que o texto verbo-visual é uma materialidade que só se realiza de forma plena na leitura do contexto social e ideológico. Para isso, é preciso que o jovem conheça códigos distintos e que, além disso, com o apoio do professor compreenda os elementos que repetem a estrutura invisível que alicerça as relações de poder às quais todos nós de certa forma estamos submetidos.

Assim, a leitura de *A revolução dos bichos* possibilita que o leitor se posicione de forma mais autônoma, com mais informações para atuar socialmente, já que aos aspectos estéticos da obra soma-se uma crítica vigorosa das estruturas de poder vigentes numa sociedade que atravessa as páginas do livro para se misturar ao nosso cotidiano. É a essa crítica que se unem todos os elementos textuais e composicionais da obra.

Não há dúvida de que este livro, se tratado em todas as suas potencialidades, abrirá diversas possibilidades de leitura continuada da obra através das próximas que lerão. *A revolução dos bichos* convida à participação ativa na leitura e ao respeito à diversidade de opiniões, pois instiga os jovens a estabelecerem relações com suas experiências de leitura anteriores e com reflexões sobre fatos que vivenciam na atualidade.

Assim, as aulas de língua portuguesa podem intensificar a leitura do livro ao expandir o entendimento dos processos estéticos e a compreensão da linguagem, tanto verbal como imagética, bem como dar apoio para analisar as formas de dominação e opressão por meio da construção, reconstrução, apagamento e deturpação da memória coletiva. A proposta de trabalho com *A revolução dos bichos* está ligada especialmente, de acordo com a BNCC, às seguintes competências e habilidades:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos criativos que integrem diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais, recorrendo a conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar um trabalho de leitura com os estudantes, é importante sensibilizá-los para o mergulho no livro. Lembramos que estas atividades não devem se configurar como pretexto para a leitura, mas sim nutri-los com informações contextuais, intelectivas e sensíveis, despertando o interesse pela obra. Por isso, recomenda-se discutir sobre os temas, criar questões estimulantes ou desenvolver trabalhos que explorem a criatividade.

Como se trata de um texto que tem no diálogo entre palavra e imagem sua força argumentativa, a discussão pode partir de algo que desperte o interesse pelos limites e potencialidades entre a representação e a coisa representada. Uma sugestão é o videopoema *Nome não*, de Arnaldo Antunes, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FM8Q517cjS8> (acesso em: 5 set. 2020). Nesse trabalho, o poeta adverte que os nomes das coisas não são as coisas ou, nas palavras dele: “O nome dos bichos não são os bichos”. No entanto, fica evidente que só podemos nos referir às coisas por meio dos nomes.

Após o vídeo, pode ser promovida uma conversa sobre a relação entre significante (forma) e significado (conteúdo) e sobre o preciso casamento entre eles, pois à arbitrariedade do signo linguístico soma-se a necessidade de uma comunidade que partilhe sentidos para que a palavra possa de fato significar.

No videopoema, vê-se pintado no corpo de uma vaca a palavra *vaca*, mas também aparece a palavra *couro* e depois aparece o nome de uma cor. A cada palavra escrita, a vaca vai adensando sentidos, a ponto de percebermos que vaca é só um nome da coisa. Já ao se referir aos bichos, Arnaldo Antunes diz que os bichos são plástico, pelúcia, madeira, ou seja, mostra como outras palavras podem negociar e expandir o significado *bicho* desde que esse significado seja construído por falantes de uma mesma comunidade.

Feita essa discussão inicial, o trabalho pode ser feito em duplas ou trios para uma proposta de reflexão a respeito do significado das palavras e das coisas. Os grupos escolhem algumas palavras para trocar ideias sobre seus significados e, depois, expressam seus entendimentos com toda a sala. Essa atividade propiciará que percebam como uma comunidade compartilha alguns sentidos e negocia outros, afinal, mesmo compartilhando certo significado para *justiça*, por exemplo, nem sempre o que alguns consideram justo será justo para outros.

Para essa atividade, uma sugestão é usar uma Caixa de Nomes: um recipiente que tenha palavras escritas e imagens diversas, como objetos, animais e pessoas. É interessante haver algumas palavras específicas, como *revolução*, *direito*, *dever*, *sociedade*, *opressão*, *liberdade* e *justiça*, além de imagens que denotem acontecimentos, como *casamento*, *funeral*, *procissão*, *passeata*, entre outras.

Essa discussão apoiará a apresentação de *A revolução dos bichos*, pois os estudantes estarão mais sensíveis para a reflexão proposta pelo livro, que, ao incorporar o gênero fábula, ressignifica os lugares de discurso por trazer animais para falar no lugar de homens, promovendo um olhar diferenciado para o que antes parecia estar tão colado à representação que até se confundia com ela. Esta será a tônica de todo o trabalho de leitura: mostrar que as palavras não são as coisas, elas representam as coisas por constituírem acordos entre falantes de uma comunidade, por isso podem ser moldadas conforme as intenções dessas pessoas.

Seria interessante, antes mesmo de entregar os livros aos estudantes, projetar a imagem da capa sem as palavras que aparecem nela (apenas a ilustração) e questionar o que diz a imagem: qual é o acontecimento representado? O que imaginam ao ver um cavalo dando um chute na cabeça de um homem? Seria um acidente de trabalho? O que poderia ser? Talvez um gesto revolucionário?

Na sequência, poderia ser projetada a mesma imagem, agora acrescida das palavras da capa. Certamente um ou outro estudante já ouviu falar do romance ou do autor, então destaque como as palavras, carregadas de significados quando incorporadas à leitura visual, salientam a relação entre texto e imagem, tão relevante nessa obra. Depois dessas considerações iniciais e antes de adentrar na leitura propriamente dita, é importante perguntar se eles já leram ou ouviram falar sobre a obra e se têm familiaridade com a leitura de HQs.

LEITURA

Mesmo que a leitura individual e silenciosa de um livro seja altamente recomendada aos estudantes do Novo Ensino Médio, não podemos prescindir do acompanhamento do professor na leitura de livros em que a preocupação com a elaboração estética é tão importante quanto a temática trabalhada. Por isso, recomendamos a leitura compartilhada, a fim de que os estudantes possam analisar aspectos que provavelmente poderiam não ser identificados na leitura individual.

A leitura compartilhada acontece quando o professor lê e os estudantes seguem o texto com o livro em mãos. Requer atenção do estudante ao texto escrito, ao objeto livro, à vocalização das palavras, ao corpo que partilha as histórias. É muito recomendada em todas as faixas etárias, pois proporciona modelos de leitura e promove a autoimagem do leitor.

A QUESTÃO DA AUTORIA

Inicialmente, o livro deve ser lido em sala de aula, cabendo ao professor decidir, a depender do desenvolvimento das atividades, se continua com a leitura compartilhada ou não. De qualquer forma, é importante destacar a autoria anunciada desde a capa: quem é ou quem são os autores do livro? E por que é importante questionar isso? Primeiro, porque ser autor é ter autoridade sobre o que é dito, e desde o Ensino Fundamental esses estudantes do Ensino Médio estão se desenvolvendo para serem cada vez mais autores de suas ideias, pensamentos e palavras — a começar pela autoria da própria leitura que farão.

Além do mais, questionar as diferentes autorias no processo de adaptação de uma obra literária é fazer com que se atente à produção editorial de um livro, que é algo feito por uma comunidade de leitores: autores, tradutores, editores, preparadores de texto, revisores, designers gráficos, ilustradores, entre outros profissionais. Se é óbvio que George Orwell é autor de *A revolução dos bichos*, não é consenso, mesmo entre os estudiosos, que o adaptador e ilustrador Odyr também o seja.

Podemos, talvez, pensar numa coautoria ou autoria partilhada? Provavelmente sim, mas, se assim for, quem negocia essas mudanças com Odyr se George Orwell está morto? Aí entram todos os nomes que compõem a página de créditos do livro e outros tantos da equipe da editora. E por que isso importa, afinal? Porque esse processo de negociação de sentidos e autorias, o qual se deflagra desde a capa, estará presente na forma de uma comunidade que partilha saberes e interesses na sociedade ficcionalizada pelo livro.

Mesmo que essa reflexão não seja aprofundada, aos poucos isso tomará forma para os estudantes, ao longo da leitura. Desse modo, para comprovar a autoria de Odyr, abra as primeiras folhas do volume até a página em que se vê um grupo de animais no canto esquerdo de uma folha toda em branco e, depois, até a página que mostra um porco abrindo o capítulo 1, desenhado como uma espécie de rascunho a lápis. O que isso significa no contexto da narrativa por vir?



Essas imagens que iniciam a narrativa podem ser importantes para buscar indícios sobre a proposta de base do livro: a primeira é uma pintura figurativa com cores carregadas, na qual se reconhecem os animais — pela aproximação com a forma representada. Já da segunda imagem podemos dizer que, também figurativa, trata-se de um desenho em preto e branco, ou ainda o esboço de um desenho sobre o qual ainda incidirão as camadas de cores. Assim, se o primeiro quadro maquia o processo de construção da imagem, o segundo revela, evidenciando os primeiros traços, a matriz da obra. Ao mostrar seu processo e a técnica que usa na feitura do livro, o ilustrador parece anunciar metalinguisticamente que tudo não passa de uma representação do real e, sendo assim, precisa ser olhada com cuidado e certa desconfiança.

É interessante explicar aos jovens que uma característica comum aos gêneros narrativos é justamente criar um efeito de verossimilhança no qual não se questiona a realidade dada e se mergulha nela como se fosse o real. No entanto, quando esse processo se desnuda — como o caso da explicitação das imagens que destacamos — é porque a narrativa pode querer nos dizer algo como “fique atento, não é bem isso que parece ser”. E nesse sentido isso pode ser uma grande aprendizagem na postura do leitor proficiente que queremos ajudar a desenvolver.

Com base nisso, peça que olhem atentamente para a primeira imagem: o que eles veem? Evidentemente, todos veem um grupo de animais, mas o que será que fazem aí? Como estão representados? Essas perguntas, que parecem tão simples, podem colaborar para abrir fendas de sentido que os jovens não identificariam facilmente. Ajude-os a perceber que os animais estão dispostos lado a lado, curiosamente nos olhando enquanto olhamos para eles. Essa representação mostra que os animais estão conscientes de estarem expostos ao nosso olhar e por isso nos confrontam, desmentindo a ficção que criamos para eles. É como se dissessem: nós estamos simulando. Ou ainda: estamos refletindo (nas duas acepções do termo: de reflexão e de reflexo) sobre o espelho da página em branco.

No decorrer da leitura, os estudantes provavelmente notarão que esse recurso metalinguístico de deixar o fundo da página em branco terá continuidade, como a nos alertar que se trata mesmo de uma história sendo contada.

QUEM ESTÁ LENDO QUEM?

Também seria importante perguntar aos estudantes o que sentem ao serem observados pelos animais. Será que os leitores também estão sendo lidos pelos animais? Quais efeitos essa leitura espelhada pode provocar nos leitores? Quem está lendo quem? Quem, afinal, são os olhos e quem são os animais? Nesse aspecto, pode-se orientar os estudantes a perceberem que, se essas considerações fazem sentido, mais uma vez Odyr desmascara a ilusão da separação entre animais e homens — e com isso acaba comprovando sua autoria na obra, ou seja, de antemão traz para o início da narrativa sua interpretação da obra de George Orwell.

Nesse momento, é interessante aprofundar que o romance gráfico, assim como o original de Orwell, se mescla à fábula. Estimule-os a falar sobre o que sabem sobre fábula e então introduza uma explicação sobre as especificidades desse gênero, relacionando-o com a ideia de alegoria: “Tanto a alegoria quanto a fábula expressam através de elementos concretos um significado abstrato” (KOTHE, 1986, p. 12). É possível dizer, inclusive, que a fábula é uma alegoria desenvolvida.

Para usar uma narrativa como fábula basta que ele [o falante] a configure como um discurso alegórico, ancorando o “outro” significado ao seu contexto de anúncio. Essa vinculação [ao discurso alegórico] obriga o ouvinte a não só compreender a narrativa mas também a interpretá-la, buscando pontos de contatos significativos entre ela e a situação discursiva que motivou sua enunciação. Esse trabalho de interpretação pode ser realizado pelo próprio enunciador da fábula, quando ele mesmo fornece uma moral para a narrativa. Mas também faz parte das possibilidades lúdicas do gênero deixar a narrativa sem moral, para que o ouvinte [ou leitor] se veja obrigado a desvendá-la, a partir de indícios textuais ou situacionais. Interpretar uma fábula é, pois, como interpretar um enigma [...], o que deixa entrever sua condição alegórica, cujo sentido se capta a partir de um esforço interpretativo. (DEZOTTI, 2003, p. 22-3)

Depois dessas reflexões, é possível dar continuidade à leitura apontando questões importantes como a presença do narrador e a fala das personagens por meio de recursos como os balões.

À página 12, o velho Major faz um chamamento aos seus “camaradas”. Nesse ponto, o professor pode indicar que esse termo aparece em destaque (como outros

ao longo da narrativa), e questionar o que sabem sobre esse termo, cujo significado, além de se referir amistosamente a companheiro, tem também um teor político relacionado à Revolução Russa de 1917: *camarada* é um termo que denota, ao contrário de *senhor*, uma relação igualitária.

Ao prosseguir com a leitura compartilhada até a página 17, quando o velho Major usa pela primeira vez o termo *rebelião*, que aparece em destaque, verificar se todos entendem da mesma forma essa palavra e em que medida ela se aproxima ou se distancia do termo *revolução* pode ser um dado relevante para a continuidade da leitura.

Ao estudar a primeira tradução do livro feita pelo tenente Heitor Aquino Ferreira no Brasil, o pesquisador Christian H. Carvalho propõe que o termo *revolução* “possui um cunho mais político e abrange a *rebelião*. Enquanto uma *rebelião* pode ocorrer sem uma mudança de dirigente ou governo, isso não acontece com a *revolução*, que tem como principal característica a mudança de governo”. (*A revolução dos bichos, de George Orwell: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Dissertação de mestrado, 2002, p. 87.)

Os nomes não são as coisas, como vimos na atividade de pré-leitura com o texto de Arnaldo Antunes. Em *A revolução dos bichos* a discussão proposta é justamente sobre o investimento ideológico feito por toda uma comunidade em uma palavra — e isso será o fio condutor de toda a leitura, pois veremos como, a depender da intencionalidade das lideranças na fazenda, as palavras e seus sentidos serão subvertidos. Ou, segundo o filósofo russo Mikhail Bakhtin,

[...] na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (1997, p. 81)

Em seguida, pode-se aprofundar na leitura dos quadrinhos para explicitar a apreciação desse gênero. Algumas perguntas que devem instigar os jovens: como eles fazem essa leitura? Em que ela difere da leitura apenas verbal? E quanto aos es-

paços em branco, o que percebem? Será que notam que o olhar vagueia pela página preenchendo com a imaginação as lacunas entre texto e imagem?

A partir daí, sugira que continuem a leitura autônoma até o fim do capítulo VI, orientando-os a prestar atenção em como o corpo realiza essa leitura, o que percebem no próprio corpo enquanto leem — pode ser uma ótima oportunidade de dar continuidade às reflexões sobre essa experiência leitora.

Em um momento posterior, retomar as impressões de leitura pode ser uma forma de dar autoria à leitura de cada um. Como foi ler a página 17 em conjunto e depois a página 36 sozinhos? Estimule-os a refletir sobre o que conduz o fio narrativo do livro, ou sobre o que na leitura em quadrinhos colabora com a ideia de continuidade. As imagens a seguir podem ser usadas para identificar esses procedimentos: na leitura de quadrinhos, sempre há algo do quadro anterior que se mantém e algo que se transforma quando passamos ao quadro seguinte, e é isso que ajuda a construir a identidade da narrativa e também sua temporalidade.

Vejamos um exemplo:



Observe como na página 17 as cores ajudam a criar uma identidade sobre o que é dito e há alguns elementos que se repetem para dar um fio ao conjunto narrativo: cavalo e homem aparecem no primeiro e segundo quadros em posições diferentes, propondo uma sucessão temporal; no terceiro, esses elementos desaparecem e surge o porco, mas a atmosfera criada pela paisagem permanece para não se perder o fio desse conjunto narrativo. O mesmo ocorre na página 36.

Além disso, a construção do movimento na página 17 fica a cargo da posição em que se encontram os animais: seguindo para a direita, depois para a esquerda,

e por fim nos encarando do centro do quadro. Já na página 36 os animais — apesar de destacados em quadros — nos dão uma ideia de simultaneidade, como se tudo estivesse acontecendo ao mesmo tempo, por conta da posição e do fundo idênticos, que se repetem na página.

Essas imagens vão se fixando em nossa memória, como acontece no discurso verbal, em que as palavras se repetem e se autoreferenciam nas frases. Voltemos, por exemplo, à página 17. No primeiro quadro diz-se: “O Homem é a única criatura que consome sem produzir...”; no segundo, se recupera a palavra *homem* e a ideia geral, acrescida de sentidos: “Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja só nosso”; no terceiro quadro, a palavra *homem* já pode desaparecer, mas a ideia de trabalho e a palavra *trabalhar* são recuperadas: “Trabalhar dia e noite”. São retomadas verbais e visuais como essas que vão sedimentando nossa memória de leitura.

MEMÓRIA DE LEITURA

Essa observação é importante porque, se temos experiências de leitura diferentes e fazemos associações particulares e com base no nosso repertório cultural, há um excedente de sentido, relativo aos procedimentos de construção do texto e da imagem, que é comum a todos. Isso que permanece igual para todos os leitores vai criando uma memória coletiva dos fatos apresentados no livro. Ora, um e outro leitor podem discordar na hora de interpretar a obra, mas todos se lembrarão de como isso aconteceu e qual foi a sequência.

A memória coletiva é um aspecto relevante na construção da narrativa deste livro, por isso daremos atenção especial a ela no decorrer da leitura. E como se constrói a memória coletiva? Uma memória coletiva, ou seja, uma memória

comum a determinado corpo social se constrói por meio de acontecimentos que podem ser reiterados, ordenados e classificados. Tais acontecimentos, especialmente porque provocam identificação, são responsáveis por uma linha narrativa que direciona nossa atuação social. As vivências de opressão e revolta podem ser ordenadas e classifi-



cadáveres no acontecimento da revolução. A revolução, por sua vez, pode ser reiterada, lembrada e, inclusive, repetir-se no tempo (p. 109).

A memória coletiva, que guardou um acontecimento traumático de abuso de poder, pode encontrar meios de responder a um novo abuso de forma organizada. Notamos isso na imagem das galinhas, que parecem corporalmente organizadas: não se trata apenas de muitas galinhas juntas, elas estão dispostas lado a lado, ativas, conscientes de seus direitos.

Entender como produzimos ou disseminamos as narrativas da memória coletiva pode ser interessante para analisar com os estudantes a construção da obra de Orwell. Estimule uma conversa com eles sobre como era a produção de informações na narrativa, e como elas eram registradas e armazenadas para depois serem difundidas. Para trabalhar esse aspecto, é importante que os estudantes voltem ao livro e procurem pelos momentos em que a memória coletiva vai sendo construída. Há vários recursos que geram identificação, por exemplo:

- a criação de máximas ou frases de efeito: “Fortes ou fracos, espertos ou simplórios, somos todos irmãos. Todos os animais são iguais” (p. 18).
- a criação de hinos: “Mais hoje, mais amanhã,/ O Tirano vem ao chão,/ E os campos da Inglaterra/ Só os bichos pisarão” (p. 19).
- a repetição: “O canto levou a bicharada à mais extrema excitação. Mesmo antes de o Major chegar ao fim, já haviam começado a cantar por conta própria. Foi tal o enlevo que cantaram cinco vezes corridas, de ponta a ponta” (p. 20).
- a criação de um sistema aglutinador de pensamentos e documentos: “Os porcos revelaram que, nos últimos três meses, haviam aprendido a ler e a escrever, num velho livro de ortografia que pertencera aos filhos de Jones e fora jogado no lixo. [...] Explicaram que, segundo os estudos que haviam feito, era possível resumir os princípios do animalismo em sete mandamentos” (p. 40).
- a criação de documentos e museus como lugares fora do tempo: “Ali mesmo aprovou-se, por unanimidade, a resolução de conservá-la como museu. Concordaram em que nenhum animal jamais deveria morar lá” (p. 39).
- a criação de símbolos: “Após o hasteamento da bandeira, todos os animais iam ao grande celeiro para assistir a uma assembleia geral conhecida como ‘reunião’” (p. 53).
- a criação de título: “Agora já não mencionavam o líder como ‘Napoleão’ simplesmente. Referiam-se a ele de maneira formal, como ‘nosso líder, o cama-

rada Napoleão’. Os porcos gostavam de inventar para ele títulos, tais como ‘Pai de Todos os Bichos’ e ‘Terror da Humanidade’” (p. 126).

Identificar as formas como a memória coletiva é construída pode ajudar os jovens a conscientizarem-se das narrativas a que estamos todos expostos e assim valorizar os processos narrativos responsáveis pela história oficial. Mais ainda, se tudo é uma narrativa que conduz e organiza os fatos, é possível também desorganizá-la para reconstruí-la de novas formas. Há nisso um lado bom e um lado ruim, afinal, se podemos reajustar as narrativas, é sinal de que podemos manipulá-las conforme o que consideramos justo.

Por isso é importante destacar que, se a memória coletiva é algo construído graças ao poder da linguagem, ela também pode ser borrada e até apagada. Os estudantes podem fazer mais um exercício analítico, buscando no livro os momentos em que a memória coletiva vai sendo manipulada.

Destacamos, por exemplo, o aparecimento de Moisés: “Muito mais ainda lutaram os porcos para neutralizar as mentiras espalhadas por Moisés, o corvo” (p. 28). Essa é uma imagem que merece atenção, pela possibilidade de associação, nos dias de hoje, à guerra contra as *fake news*, as mentiras que têm dominado principalmente o campo da política. As palavras de George Orwell parecem soar proféticas desde a versão original, publicada em 1945. Agora, mais de meio século depois, parecem bastante atuais, em especial junto com a imagem do corvo agourento destacada por Odyr na versão que estamos lendo, em quadrinhos.

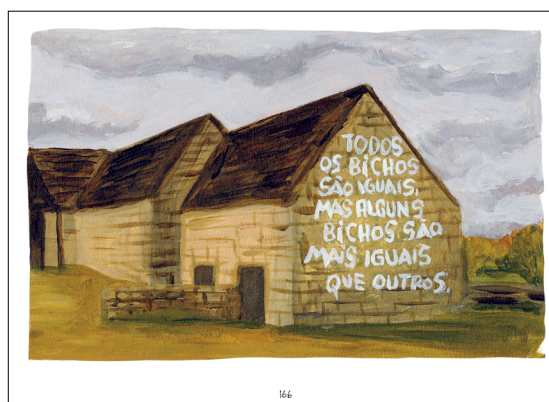


No entanto, mesmo aqueles que estão em determinado momento lutando pela verdade acabam fazendo uso do mesmo expediente mentiroso e distorcido:

“Camaradas!”, conclamou. “Não imaginais, suponho, que nós, os porcos, fazemos isso por espírito de egoísmo e privilégio. O leite e a maçã contêm substâncias ab-

solutamente necessárias à saúde dos porcos. Nós, porcos, somos trabalhadores intelectuais. Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem em sua missão?”
 “Jones voltaria!” Foi, portanto, resolvido sem mais discussões que o leite e as maçãs caídas seriam reservados para os porcos. (p. 56)

Conforme avança na leitura, o professor pode decidir se é melhor que os estudantes terminem de ler o livro individualmente ou se seguem de forma compartilhada. É sempre recomendável destinar um tempo para que o livro seja lido na escola, em sala de aula ou em espaços mais aconchegantes, como a biblioteca ou áreas ao ar livre. Neste caso, trata-se de uma leitura rápida, por isso, assim que terminarem, sugerimos que uma última aula seja reservada para continuarem a conversa sobre conservação e apagamento da memória coletiva, e sobre a retomada do papel da palavra, especialmente da palavra escrita, no manuseio e na manipulação da informação. Talvez possa ajudar na rememoração projetar na lousa alguns fragmentos do livro, como os seguintes:



Nesses fragmentos, eles podem observar os processos de manipulação da palavra escrita. Primeiro, se pretende criar um documento: as leis do animalismo.

Porém, essas leis, à vista de todos os animais, eram modificadas pelos líderes da fazenda. Como todo documento tem status de verdade e legitimidade, os animais, apesar das suspeitas de que havia algo estranho, acabam acreditando e aceitando tudo o que estava escrito.

Aprofundando um pensamento sobre memória social e registro da informação na obra original *A revolução dos bichos*, Carolina P. T. Vaz argumenta em sua pesquisa *A memória social e o registro da informação na “Revolução dos bichos”* (2010):

Segundo Le Goff (id., p. 4), o documento deve ser entendido não como: “qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento [...] permite à memória colectiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa”. Sendo assim, a preservação ou a destruição, consciente ou inconsciente, de um documento pode refletir ou indicar quais eram, por exemplo, as perspectivas econômicas, sociais, políticas e culturais presentes em uma determinada época da sociedade. Também através do documento as sociedades podem determinar, involuntariamente ou voluntariamente, a imagem de si própria que as sociedades posteriores possuíram. (p. 22)

Assim, na página 40, os porcos escrevem os mandamentos do animalismo na parede, mas se observarmos bem o 7º mandamento traz uma novidade: sentimos um estranhamento diante da grafia da palavra *bichos*. Ao colocar de forma invertida o S que indica plural, chama-se a atenção para uma variação dessa pluralidade — afinal, de que plural estamos falando? Isso será esclarecido na ilustração da página 166, quando esse erro, ou diferença, será incorporado à escritura e não aparece mais.

É possível trabalhar outras formas e exemplos para que os estudantes percebam os processos de manipulação da palavra escrita por meio de:

- introdução de subentendidos: página 40
- apagamento de registro: página 41
- redução de ideias: página 55
- incorporação ou exclusão do erro: página 166 (com a introdução de frase adversativa)

Após essa discussão, é esperado que os estudantes notem como a manipulação da palavra escrita vai se infiltrando na ilustração:

- as imagens vão ficando mais violentas;



- as pinceladas de tinta vão ficando mais densas e vibrantes;



- o que poderia parecer um erro (o porco em pé na página 164) é incorporado (página 167).



Quando todos terminarem a leitura da obra, é recomendável uma troca de ideias sobre os paralelos que os estudantes fizeram com a realidade que os cerca. Seria interessante estimular que escrevam uma dissertação que tome a imagem final como ponto de partida:



PÓS-LEITURA

Agora que o livro já foi amplamente discutido temática e estruturalmente, para este momento de pós-leitura sugerimos retomar a atividade inicial: uma reflexão sobre as palavras, agora nutrida por todo o processo leitor. Para isso, propomos apresentar aos estudantes outro texto de Arnaldo Antunes, desta vez o poema visual “Gente”, disponível em http://www.arnaldoantunes.com.br/upload/artes_1/177_g.jpeg (acesso em: 7 set. 2020).

Tomando como base o debate em torno da humanização e da animalização expostas na obra, instigue-os à leitura do poema: quais sentidos depreendem dele? É importante que percebam que não apenas a palavra, mas também o aproveitamento do espaço e a desconstrução da palavra permitem a criação de múltiplos sentidos. A inversão das letras da última sílaba — que num primeiro olhar é fácil passar despercebida — reconfigura a ideia de gente para a de ET, ou seja, um ser extraterrestre. Além disso, *genet* (do inglês) é traduzido em português como *geneta*, que segundo o *Dicionário Michaelis* vem da zoologia:

Denominação comum aos mamíferos carnívoros do gênero *Genetta*, da família dos viverrídeos, que ocorrem no leste da África e no sul da Europa, de cor que varia do marrom tirante a cinza ao amarelo, com pintas marrons ou pretas ao longo do corpo de pele macia e densa, de cauda longa listada, patas curtas e garras retráteis, caracterizados pela secreção liberada pelas glândulas anais, de cheiro fétido, para se defenderem de qualquer predador. [Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=EVIx>. Acesso em: 7 set. 2020.]

Uma e outra leitura fazem uma crítica ao que entendemos por *gente*, espécie humana tão estranha a si mesma.

Agora procure mostrar que as palavras também podem se metamorfosear, como o que ocorreu com as personagens do livro *A revolução dos bichos*. Talvez seja necessário esclarecer, com o auxílio de um dicionário, a diferença entre antropomorfismo e zoomorfismo e lançar a seguinte reflexão: será que, no livro lido, os animais receberam qualidades ou características humanas, ou foram os humanos que receberam características de animais? Não há uma resposta fechada a essa pergunta, por isso é possível ouvir e direcionar os comentários dos estudantes, que servirão de base para o fechamento destas atividades de língua portuguesa.

Após essa troca de ideias, seria interessante expor à turma algumas imagens de deuses do Antigo Egito (que são metade ser humano e metade animal). E então propor a confecção de um *Álbum de personalidades antropozoomorfizadas*, como os álbuns de figurinhas colecionáveis. Para isso, os estudantes, organizados em grupos, criarão personagens com base em algumas pessoas públicas que eles podem escolher. A partir de uma análise crítica de sua posição e atuação no cenário público, essas personagens vão receber um tratamento antropozoomórfico, seja nas imagens (por meio da técnica de colagem), seja pela palavra (pois cada personalidade terá um perfil escrito, no qual fique claro o motivo da associação feita com a respectiva imagem). Para esse trabalho será importante contar com as aulas de biologia, assim é possível fazer um estudo mais profundo dos hábitos dos animais selecionados para trabalhar nas figuras antropozoomorfizadas. Além disso, seria fundamental também contar com o professor de tecnologia, que pode ajudar na confecção desse álbum em plataforma digital.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

ARTE

COMPETÊNCIA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE (EM13LGG603): Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

PRÉ-LEITURA

Sugerimos iniciar com a apresentação de um trecho de uma entrevista com o ilustrador Odyr sobre seu processo de ilustração e adaptação do livro *A revolução dos bichos*. Ele fala também dos recursos e materiais utilizados, explicando por que escolheu a tinta acrílica e quais são suas possibilidades de uso na arte.

Você fez uso de tinta acrílica pra produzir esse trabalho, certo? Você pode explicar essa escolha, por favor?

É o material que venho usando predominantemente nos últimos anos, em minha pesquisa pessoal. Meus primeiros dois livros são feitos a nanquim, mas eu vinha sentindo uma insatisfação com a natureza tão exata do material. Pintar mudou tudo — meu desenho, minha visão da arte e do mundo. E depois de alguns anos pintando, finalmente surgiu a oportunidade perfeita para colocar a técnica em uso, num livro muito rico em oportunidades — muita natureza, todos esses fantásticos animais. E acho que serve bem ao livro, a criar uma realidade, um mundo com cor, luz, sombra, peso, textura.

Chama atenção no livro a sua fidelidade ao texto original. Você sempre esteve decidido a reproduzir ao máximo o texto do Orwell? Por que a sua escolha por essa manutenção do texto original?

Sim, ainda que obviamente usando uma porcentagem muito pequena do texto, não tem uma palavra ali que não seja do Orwell. [...]

Você poderia falar um pouco, por favor, sobre esse processo de adaptação e transformação de texto no combo texto+desenhos? Como foi o desenvolvimento desse projeto?

Meu processo é bastante direto, tem o mínimo de etapas possível. Me interessa demais a primeira leitura, as imagens que se formam imediatamente em sua mente ao ler, o leitor em ação. Tanto que, como tinha uma ideia geral do livro, fiz algo francamente irresponsável: fui lendo e adaptando. Minhas emoções e surpresas com o livro entrando diretamente no trabalho.

Link para a entrevista completa:

<https://vitralizado.com/hq/papo-com-odyr-autor-de-a-revolucao-dos-bichos-em-quadrinhos-o-mundo-esta-num-momento-particularmente-tenso-para-a-democracia-para-a-igualdade-e-para-o-livre-pensamento>. (Acesso em: 13 out. 2020.)

LEITURA

É importante voltar ao romance gráfico *A revolução dos bichos* tendo como foco a adaptação do ilustrador Odyr. Sugerimos para isso ler as primeiras páginas do texto de George Orwell, disponíveis em: **<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12374>**; clicar em “Ler um trecho”. (Acesso em: 13 out. 2020), para um cotejo com o romance gráfico.

Sugerimos a leitura compartilhada das primeiras páginas do livro e também uma releitura compartilhada da adaptação, seguida de comentários sobre as escolhas do ilustrador em relação ao que permaneceu e ao que se transformou na obra em quadrinhos e, também, para o que essas escolhas implicam.

É muito importante destinar bastante espaço e tempo a esse diálogo para que os estudantes percebam que muitas descrições são subtraídas na versão em quadrinhos e substituídas pelas imagens e que as cores e o modo de construir a sequência das imagens nas páginas contribuem para uma continuidade da narrativa. Por exemplo, o modo como todos os animais (inclusive o ser humano) parecem se direcionar para a direita, como se estivessem orientando nosso olhar para a sequencialidade da história, ao modo da leitura do texto verbal.

Leia a seguir um excerto das primeiras páginas do livro:

1.

O sr. Jones, dono da Granja do Solar, fechou o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para lembrar-se de fechar também as vigias. Com o facho de luz da lanterna balançando de um lado para o outro, atravessou cambaleante o pátio, tirou as botas na porta dos fundos, tomou um último copo de cerveja do barril da copa e foi para a cama, onde sua mulher já ressonava.

Tão logo apagou-se a luz do quarto, houve um silencioso movimento em todos os galpões da granja. Correram, durante o dia, o boato de que o velho Major, um porco que já fora premiado numa exposição, tivera um sonho muito estranho na noite anterior e desejava contá-lo aos outros animais. Havia combinado encontrar-se no celeiro, assim que Jones se deitasse. O velho Major (chamavam-no assim, muito embora ele houvesse concorrido na exposição com o nome de “Belo de Willingdon”) gozava de tão alto conceito na granja que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono só para ouvi-lo.

Ao fundo do grande celeiro, sobre uma espécie de estrado, estava o Major refestelado em sua cama de palha, sob um lampião que pendia da viga. Com doze anos de idade, já bem corpulento, era ainda um porco de porte majestoso, com ar sábio e benevolente, a despeito de suas presas jamais terem sido cortadas. Os outros animais chegavam e punham-se a cômodo, cada qual a seu modo. Os primeiros foram os três cachorros, Branca, Lulu e Cata-Vento, depois os porcos, que se sentaram sobre a palha, em frente ao estrado. As galinhas empoleiraram-se nas janelas, as pombas voaram para os caibros do telhado, as ovelhas e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e ali ficaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Sansão e Quitéria, chegaram juntos, andando lentamente e pousando no chão os enormes cascos peludos, com grande cuidado para não machucar qualquer animalzinho porventura oculto na palha. Quitéria era uma égua volumosa, matronal, já chegada à meia-idade, cuja silhueta não mais se recompusera após o nascimento do quarto potrinho. Sansão era um bicho enorme, de quase um metro e noventa de altura, forte como dois cavalos. A mancha branca do focinho dava-lhe certo ar de estupidez, e realmente ele não tinha lá uma inteligência de primeira ordem, embora fosse grandemente respeitado pela retidão de caráter e pela tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos chegaram Maricota, a cabra branca, e Benjamim, o burro. Benjamim era o animal mais idoso da fazenda, e o mais moderado. Raras vezes falava, e em geral quando o fazia era para emitir uma observação cínica — para dizer, por exemplo, que Deus lhe dera uma cauda para espantar as moscas, e no entanto seria mais do seu agrado não ter nem a cauda nem as moscas. Era o único dos animais que nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, respondia não ver motivo para riso. Não obstante, sem que admitisse abertamente, tinha certa afeição por Sansão; com frequência passavam os do-

mingos juntos no pequeno potreiro existente atrás do pomar, pastando lado a lado em silêncio.

Mal se haviam acomodado os dois cavalos quando uma ninhada de patinhos órfãos desfilou celeiro adentro, piando baixinho e procurando um lugar onde não fossem pisoteados. Quitéria protegeu-os com a pata dianteira, e os patinhos ali se aconchegaram, caindo no sono. No último instante, Mimosa, a égua branca, vaidosa e fútil, que puxava a charrete do sr. Jones, entrou, requebrando-se graciosamente e mastigando um torrão de açúcar. Tomou lugar bem à frente e ficou meneando a crina branca, na esperança de chamar atenção para as fitas vermelhas que a adornavam. Por fim, chegou a gata, que buscou, como sempre, o lugar mais morno, enfiando-se entre Sansão e Quitéria; ronronou satisfeita durante toda a fala do Major, sem ouvir uma só palavra.

Todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia fora, num poleiro junto à porta dos fundos. Quando o Major os viu, bem acomodados e aguardando atentamente, limpou a garganta e começou:

“Camaradas, já ouvistes, por certo, algo a respeito do estranho sonho que tive a noite passada. Mas falarei do sonho mais tarde. Antes, tenho outras coisas a dizer. Sei, camaradas, que não estarei convosco por muito mais tempo, e antes de morrer considero uma obrigação transmitir-vos o que aprendi sobre o mundo. Já vivi bastante, e muito tenho refletido na solidão da minha pocilga. Creio poder afirmar que compreendo a natureza da vida sobre esta terra tão bem quanto qualquer outro animal vivente. É sobre o que desejo vos falar.”

PÓS-LEITURA

Finalizada a releitura do livro, é hora de propor uma Oficina de Produção de Livro Infantil. A atividade necessita de um estudo mais aprofundado sobre os meios de produção e o público ao qual o livro se destina, em especial quanto aos ajustes necessários para atender às expectativas do leitor. Para isso, sugerimos que sejam levados para a sala de aula diversos livros infantis e apresentadas algumas questões que possam direcionar a apreciação dessas obras:

- O livro está de acordo com o público ao qual se destina? Por quê?
- Qual ou quais códigos o autor manipulou no livro?
- Como se dá a relação entre palavra e imagem?

Com base nessa discussão, a turma pode ser organizada em grupos. Cada grupo ficará responsável por criar uma adaptação do romance gráfico para o público infantil, ou seja, para as crianças das séries iniciais da Educação Básica.

O sr. Jones, dono da Granja do Solar, fechou o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para lembrar-se de fechar também as vigias.

O fecho de luz da sua lanterna balançava de um lado para o outro.

Um último
copo de cerveja
do barril e
depois cama.



10

Tão logo a luz do quarto se apagou, houve um silencioso movimento por toda a granja.



O velho Major, um porco que já fora premiado numa exposição, tivera um sonho muito estranho na noite anterior e desejava contá-lo aos outros animais.



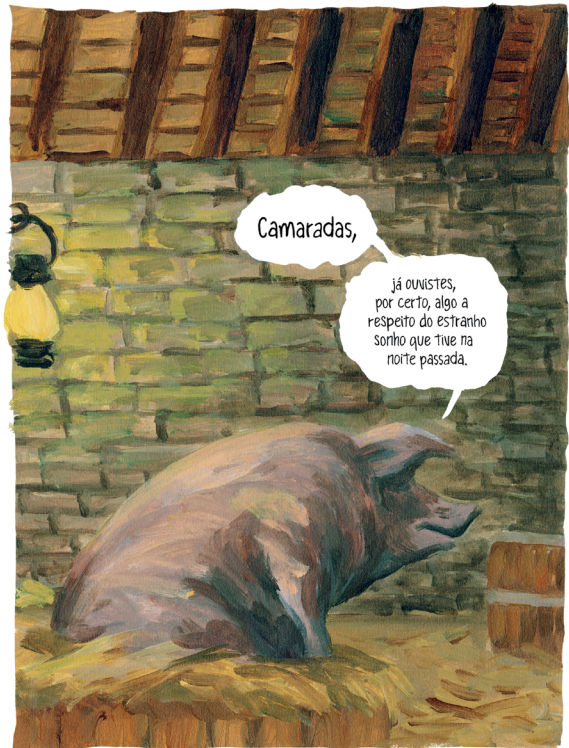
Um encontro no celeiro foi então combinado, assim que Jones se deitasse.



11

Camaradas,

já ouvistes,
por certo, algo a
respeito do estranho
sonho que tive na
noite passada.



12

Seria interessante explorar o uso da tinta acrílica, já que houve uma conversa sobre essa técnica quando a turma leu trechos da entrevista com Odyr.

LÍNGUA INGLESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4: Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

PRÉ-LEITURA

Tendo em vista que as propostas para as aulas de língua portuguesa se baseiam numa reflexão sobre a construção da memória coletiva ao longo do livro *A revolução dos bichos*, seria interessante que o professor responsável pelas aulas de língua inglesa fizesse um trabalho de acompanhamento da memória coletiva de leitura desses jovens. Sugerimos a audição de alguns capítulos do *audiobook Animal Farm* e a recuperação da compreensão geral do que está sendo narrado. Na internet é possível encontrar arquivos com essas leituras.

LEITURA

É importante que o processo da leitura se inicie em conjunto, fazendo a leitura compartilhada e a tradução para o inglês até a página 12, por exemplo.

PÓS-LEITURA

Propomos a organização de uma Oficina de Tradução do romance gráfico para o idioma original, prezando pelo aspecto comunicativo da língua, e não pela tradução literal. Para organizar a atividade, uma sugestão é fazer cópias das pri-

meiras páginas do livro adaptado por Odyr, suprimindo os textos verbais (a quantidade de páginas que cada grupo receberá ficará a cargo do professor, a depender das habilidades da turma). Assim, com os estudantes organizados em grupos, distribuir as páginas do livro com apenas as ilustrações e então convidá-los a escrever em inglês os trechos que faltam nas páginas, a partir de um resgate memorialístico dos fatos evidenciados pela ilustração.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

FILOSOFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADE (EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

PRÉ-LEITURA

Sugerimos que nas aulas de filosofia seja reservado amplo espaço e tempo para a discussão dos conceitos que aparecem explícita ou implicitamente no livro. Para isso, seria interessante começar falando um pouco sobre o que é filosofia e sua importância na construção do pensamento. Sugerimos que o professor explore a crítica de Orwell ao comunismo, bem como a relação entre as personalidades históricas e as personagens do livro. Em seguida, propomos a leitura comparada de três textos para refletir sobre o conceito de socialismo. A proposta é pensar em como essas ideias chegam a públicos diferentes.

Texto 1

SOCIALISMO [in. *Socialism*; fr. *Socialismo*-, ai. *Sozialísmiis*; it. *Socialismo*]. Este termo, que se difundiu na Inglaterra (em oposição a individualismo) nas primeiras décadas do séc. XIX, tem duas significações principais:

1ª Uma significação mais ampla, designando, em geral, qualquer doutrina que defenda ou preconize a reorganização da sociedade em bases coletivistas. Nesse sentido, são s. o de Platão e o de Marx, o de Owen e o de Proudhon, o de Lênin e o de Stálin. Refere-se a esse significado a distinção feita por Marx e Engels entre S.

utópico, para o qual a sociedade socialista é um ideal que não leva em conta as vias ou os modos de realizá-la, e o S. científico, que, sem apresentar qualquer ideal, prevê o advento inevitável da sociedade socialista com base nas próprias leis que determinam o desenvolvimento da sociedade capitalista [...]. Neste sentido, o termo é muito vago e serve para qualquer aspiração, ideal, tendência ou doutrina que tenha em vista alguma transformação da sociedade atual em sentido coletivista.

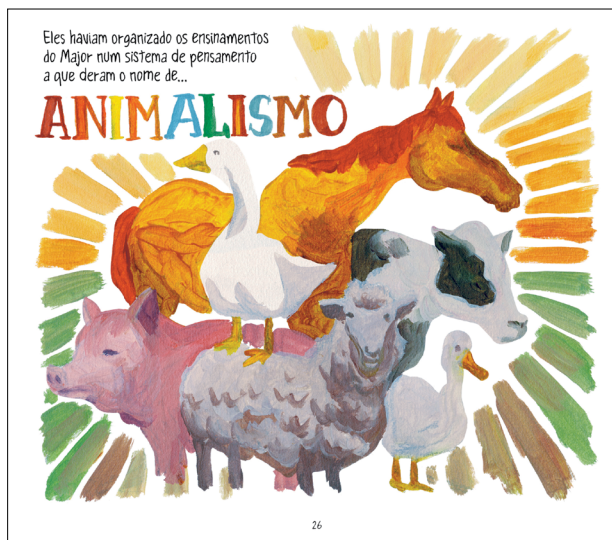
2. Em sentido mais restrito, entendem-se por S. as correntes coletivistas que se distinguem do comunismo e se opõem a ele, enquanto: a) excluem a necessidade da ditadura do proletariado; b) excluem que tal ditadura possa ser exercida, em nome do proletariado, por qualquer partido político; c) excluem a diferença radical, que se observa nos países de regime comunista, entre a qualidade de vida da elite dirigente e a da maioria dos cidadãos; d) excluem a subordinação da vida cultural às exigências do partido, à vontade de seus dirigentes; e) exigem respeito às regras do método democrático. A distinção das formas históricas que o S. assumiu diz respeito à política mais que à filosofia, não pertencendo, portanto, à sua alçada. (ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 912.)

Texto 2

Um estudante de graduação em história, jovem da periferia, faz vídeos explicando de forma despretensiosa alguns conceitos de filosofia.

Traduzindo Karl Marx para gírias paulistanas, vídeo do canal Audino Vilão. 18 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6eyQ8fglf4>. [Acesso em: 8 set. 2020.]

Texto 3



LEITURA

Fazer no livro um levantamento dos conceitos que merecem ser discutidos filosoficamente e aprofundados pelos estudantes, como autoritarismo, capitalismo, revolução, comunismo, entre outros.

PÓS-LEITURA

Dividir a turma em grupos e propor a produção de um Dicionário de Filosofia com os termos escolhidos. Cada grupo ficará responsável por escrever a definição do verbete tendo em mente uma expectativa de leitor. Pode ser criança, jovem, adulto culto, adulto não escolarizado, entre outros.

SOCIOLOGIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 3: Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

HABILIDADES

(EM13CHS301) Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais — entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais —, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

PRÉ-LEITURA

Sugerimos a leitura compartilhada de dois textos de escritores indígenas, Davi Kopenawa e Ailton Krenak, que apresentam suas visões sobre a inter-relação entre humanos e não humanos, como animais e minerais.

Texto 1

As imagens de animais que os xamãs fazem dançar não são dos animais que caçamos. São de seus pais, que passaram a existir no primeiro tempo. São, como disse, as imagens dos ancestrais animais que chamamos yarori.

Há muito e muito tempo, quando a floresta ainda era jovem, nossos antepassados, que eram humanos com nomes animais, se metamorfosearam em caça. Humanos-queixada viraram queixadas; humanos-veado viraram veados; humanos-cutia viraram cutias. Foram suas peles que se tornaram as dos queixadas, veados e cutias que moram na floresta. De modo que são esses ancestrais tornados outros que caçamos e comemos hoje em dia. As imagens que fazemos descer e dançar como xapiri, por outro lado, são suas formas de fantasma. São seu verdadeiro coração, seu verdadeiro interior. Os ancestrais animais do primeiro tempo não desapareceram, portanto. Tornaram-se os animais de caça que moram na floresta hoje. Mas seus fantasmas também continuam existindo.

Continuam tendo seus nomes de animais, mas agora são seres invisíveis. Transformaram-se em xapiri que são imortais. Assim, mesmo quando a epidemia xawara tenta queimá-los ou devorá-los, seus espelhos sempre voltam a desabrochar. São verdadeiros maiores. Não podem desaparecer jamais.

É verdade. No primeiro tempo, quando os ancestrais animais yarori se transformaram, suas peles se tornaram animais de caça e suas imagens, espíritos xapiri. Por isso estes sempre consideram os animais como antepassados, iguais a eles mesmos, e assim os nomeiam. Nós também, por mais que comamos carne de caça, bem sabemos que se trata de ancestrais humanos tornados animais. São habitantes da floresta, tanto quanto nós. Tomaram a aparência de animais de caça e vivem na floresta porque foi lá que se tornaram outros. Contudo, no primeiro tempo, eram tão humanos quanto nós. Eles não são diferentes. Hoje, atribuímos a nós mesmos o nome de humanos, mas somos idênticos a eles. Por isso, para eles, continuamos sendo dos seus. [...]

Os animais também são humanos. Por isso se afastam de nós quando são maltratados. No tempo do sonho, às vezes ouço suas palavras de desgosto quando querem se negar aos caçadores. Quando se tem mesmo fome de carne, é preciso flechar a presa com cuidado, para que morra na hora. Assim, ela ficará satis-

feita por ter sido morta com retidão. Caso contrário, fugirá para bem longe, ferida e furiosa com os humanos.

(KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 116-206.)

Texto 2

Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século xx que estava nos Estados Unidos e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: “Ela não vai conversar comigo, não?”. Ao que seu facilitador respondeu: “Ela está conversando com a irmã dela”. “Mas é uma pedra.” E o camarada disse: “Qual é o problema?”.

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”.

Assim como aquela senhora hopi que conversava com a pedra, sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? [...]

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude

de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo.

[KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras: 2019, p. 10-25.]

LEITURA

Neste momento propomos retomar a leitura do livro, selecionando especialmente os momentos em que humanos e não humanos se relacionam.

PÓS-LEITURA

A partir das leituras, os estudantes podem ser convidados a escrever um texto avaliativo sobre os impactos do nosso modelo socioeconômico para o planeta, pensando em outras possíveis formas de sustentabilidade socioambiental, especialmente como as concebidas pelos povos originários.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

A revolução dos bichos é um livro que contribui para a fruição e a formação leitora tanto de jovens como de adultos, porque os expõe a uma experiência estética distinta e inovadora, que se faz nos intervalos entre a linguagem verbal, simples e cotidiana, associada à imagem. É importante lembrar que o diálogo

[...] entre as formas de expressão artística tem sido uma das mais importantes modalidades de comunicação inventadas pelos homens para elaborar as mais variadas narrativas, produzindo abstrações e sentidos dos mais diversos, demonstrando que, ao longo dos tempos, as obras não só estão em constante interação entre si, mas também com o mundo que as cerca, trazendo à tona influências intra e extratextuais. (OLIVEIRA, 2008, p. 9)

Por isso, trazer Orwell em quadrinhos aos jovens do Novo Ensino Médio é estar em consonância com os processos culturais e os exames nacionais em educação, que apostam na capacidade em relacionar diferentes linguagens, demonstrando entendimento de códigos verbais e não verbais.

Esse tipo de leitura, que se efetiva no entrecruzamento de linguagens, necessita de uma visão semiótica que capture as ligações entre diversos tipos de linguagens, já que, na atualidade, a primazia da comunicação não está na imagem, nem na palavra falada ou escrita, mas nos seus cruzamentos e sobreposições.

Este livro adaptado e ilustrado por Odyr é, então, um convite a (se) ver. Será por isso que as personagens nos olham tanto? Mas o que elas querem quando nos encaram? Olham para nosso rosto ou mergulham na nossa interioridade?

Essas perguntas apontam a importância de nos movimentarmos entre aparência e verdade na obra *A revolução dos bichos*. Se as aparências se misturam, se homens e porcos já não se distinguem, se já não conseguimos distinguir autorias, discursos, expressões e fisionomias — como se lê na última frase do livro —, precisamos retomar a desidentificação e desautomatizar o olhar. Afinal, não é no mínimo curioso que justamente na penúltima imagem do livro os animais estão com o olhar fixo em nossa direção?



Dá para notar que o olhar desses animais está atravessado de confusão. E isso é o suficiente para aprofundarmos a questão do olhar a fim de, assim, desfazer a obviedade das estruturas que nos condicionam.

Como apresentamos nas atividades de língua portuguesa, a primeira imagem que aparece no livro é a de um grupo de animais olhando fixamente em direção aos leitores. Se lá abordamos um pouco a questão metalinguística e questionamos como os estudantes se sentem sendo olhados pelos animais, aqui o professor pode aprofundar essa reflexão uma vez que ela não para nessa imagem. O mesmo quadro retorna no decorrer da narrativa (p. 38), agora acrescido de palavras relacionadas à visão: “Sim, era deles — tudo o que enxergavam era deles”.



Talvez eles desejem segurar nossos olhos nos deles por tempo suficiente para compreender que forças invisíveis atuam entre nós — humanos e animais, leitores

e lidos? A insistência no olhar também guarda certo dizer implícito: nós enxergamos vocês e vocês são nossos. Ou ainda: vocês estão capturados pelo nosso olhar e pertencem ao nosso universo. O que nos resta fazer então?

A primeira ideia é também a mais comum: trata-se de uma fábula, portanto eles estão nos representando. Os animais neste livro são meras imagens de nós mesmos. Isso é verdade e poderíamos parar por aqui, mas, se quisermos lançar um olhar mais profundo, teremos que fazer um giro no pensamento. Ou seja, ao parar na análise que parte da fábula e da alegoria, caímos no erro de eliminar a diferença, ou seja, de suprimir a alteridade. Mais ainda, caímos no erro de “matar” o outro.

Portanto, a outra alternativa é criar uma perspectiva cruzada: ora, se eles são os humanos, nós — que somos deles — somos os animais. Esse cruzamento de perspectiva, essa pequena variação no olhar pode nos abrir uma fenda para praticar uma alteridade radical: como é estar completamente à mercê de outro? Quais são as implicações de conhecer a dor do animal? Essa dor me torna mais animal ou mais humano? Essa mudança de perspectiva está amparada no conceito de perspectivismo ameríndio:

O perspectivismo ameríndio diz respeito à síntese conceitual operada por Eduardo Viveiros de Castro (1951-) e Tânia Stolze Lima para tratar de uma importante matriz filosófica amazônica no que se refere à natureza relacional dos seres e da composição do mundo. O conceito sintetiza uma série de fenômenos e elaborações encontrados em etnografias anteriores sobre os povos ameríndios. De forma geral, a noção se refere a concepções indígenas que estabelecem que os seres providos de alma reconhecem a si mesmos e àqueles a quem são aparentados como humanos, mas são percebidos por outros seres na forma de animais, espíritos ou modalidades de não humanos. [Enciclopédia de antropologia — USP.]

O perspectivismo é um importante instrumento para a expansão do pensamento: não sou eu quem faço a história, não há uma história única, nem sempre eu sou o protagonista das histórias. Há uma grande diferença: ler o livro como se os animais estivessem ali representando os humanos e ler o livro pensando que é bem possível que nós sejamos os animais. E como animais estamos submetidos a algum humano que não sou eu.

São questões filosóficas complexas que convida o professor a repensar práticas e valores e também, se considerar adequado, a dividir essas inquietações com os jovens.

Em outros momentos importantes do livro, os olhos dos animais procuram desesperadamente os nossos:



No primeiro quadro (p. 112), eles estão ouvindo as mentiras dos porcos e sabem que estão sendo enganados; no segundo (p. 115), é o momento em que parecem “pressentir que algo horrível estava para acontecer”.

Quando os animais nos olham, o que querem de nós? Querem que façamos algo? Mas o quê? Querem que os ajudemos? Mas como poderíamos se somos nós os animais e eles os humanos? Estamos de mãos atadas? Mas que mãos, se no lugar delas temos patas? Para que servem essas patas, enfim?

Fazer essas perguntas e mergulhar no silêncio das respostas difíceis, ou impossíveis, é nossa função como educadores. Nem tudo precisa ser respondido, mas, com certeza, tudo precisa ser questionado.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Artigo: “Especial quadrinhos: a ascensão do romance gráfico”, de Manuel da Costa Pinto. *Revista Cult*, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ascensao-do-romance-grafico>. Acesso em: 6 out. 2020.

O autor discute a emergência de pensarmos o romance gráfico como gênero, com o mesmo status do romance tradicional. Ele destaca que as novelas gráficas “oscilam entre o puro entretenimento e ousadas formas de representação e reflexão” e, como o romance, podem incluir outros gêneros em sua constituição.

Livro: *A revolução dos bichos*, de George Orwell. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Versão original na qual a adaptação de Odyr é baseada.

CD: *Animals* (1977), de Pink Floyd.

Este álbum conceitual da banda de rock progressivo Pink Floyd traz um conteúdo político-social crítico à Inglaterra dos anos 1970. É inspirado no livro de George Orwell, porém critica diretamente o capitalismo.

Livro: *Fazenda modelo: novela pecuária*, de Chico Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

A obra dialoga com *A revolução dos bichos*, pois faz uma alegoria do Brasil na época da ditadura, do milagre econômico e suas conjunturas. Com ironia e astúcia linguística, o autor também escolheu animais como personagens, criticando a dominação e a repressão na política brasileira.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997

Neste livro, Mikhail Bakhtin, junto com seu discípulo Valentin Volochinov, procurou desenvolver uma filosofia da linguagem de fundamento marxista: a natureza ideológica do signo linguístico, o dinamismo das significações, a alteridade constitutiva, o signo linguístico como arena da luta de classes etc. Trata-se de um livro importante especialmente no campo da sociolinguística e também da análise semiótica.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

CAGNIN, Antônio Luis. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975

Apoiado nas noções de percepção, Cagnin aborda os fundamentos do gênero quadrinhos e seus elementos constitutivos (imagem, texto e imagem-texto), além da análise de diversas HQs. O autor também traz um tópico fundamental de teoria da literatura: a estrutura da narrativa. É um livro importante para professores de língua e literatura que desejem conhecer métodos de análise possíveis para os quadrinhos e os romances gráficos.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Há diferentes respostas para a pergunta do título: algumas confortáveis e outras nem tanto, porém todas amparadas pela lucidez característica do autor. A reflexão filosófica é ilustrada pela análise de seus próprios clássicos e de autores importantes da tradição literária e intelectual do Ocidente.

DEZOTTI, Maria Celeste (org). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

O livro traz centenas de fábulas clássicas e de diversas culturas, proporcionando um estudo apurado do gênero fábula e fazendo paralelos entre a tradição e a recepção contemporânea, dando destaque à recepção brasileira, com base no fabulário trabalhado por Monteiro Lobato e Millôr Fernandes.

KOTHE, Flávio R. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986.

O autor aborda a alegoria para além da mera figura de linguagem, propondo a criação de um duplo nível de leitura: por um lado, tenta induzir a certa interpretação de si mesma; por outro, induz à busca de uma essência por debaixo da aparência. Em certa medida, cria-se um pacto entre forças contraditórias que deflagra a natureza política da leitura alegórica.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. *A arte dos “quadrinhos” e o literário: a contribuição do diálogo entre o verbal e o visual para a reprodução e inovação*

dos modelos clássicos de cultura. Tese de doutorado, Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

A tese aborda especificamente o diálogo entre quadrinhos e literatura, a partir do estudo sobre narratividade. A autora investiga se esse diálogo propicia a reprodução ou o questionamento das tradições culturais, atualizando-as (ou não) a partir da transposição entre as artes. A tese traz importantes teorias sobre quadrinhos, intertextualidade, dialogismo e história da arte e da literatura, além de mostrar vários exemplos de transposição de textos clássicos da literatura para os quadrinhos.

TAVARES, Cristiane. “Porcos e homens”. *Revista Quatro Cinco Um*, dez. 2018. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/i/porcos-e-homens>. Acesso em: 6 set. 2020.

Resenha do romance gráfico *A revolução dos bichos*.

VAZ, Carolina Patrocínio Teixeira. *A memória social e o registro da informação na “Revolução dos bichos”*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2010. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1021/8/CPTVaz.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

A monografia, com base na obra *A revolução dos bichos*, analisa as relações entre formas de registro da informação e a produção de memórias compartilhadas coletivamente. Trata de questões como campos da informação, memória social, signos ideológicos, conteúdo informativo, suportes, formas de registros, entre outras.

OBRAS CITADAS

MACIEL, Lucas da Costa. 2019. “Perspectivismo ameríndio”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/perspectivismo-amer%C3%ADndio>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ODYR. “Entrevista por Ramon Vitral”. *Vitralizado*, out. 2018. Disponível em: <https://vitralizado.com/hq/papo-com-odyr-autor-de-a-revolucao-dos-bichos-em-quadrinhos-o-mundo-esta-num-momento-particularmente-tenso-para-a-democracia-para-a-igualdade-e-para-o-livre-pensamento>. Acesso em: 11 out. 2020.